



Coordenação de Armindo Rodrigues

## A Vida Secreta da Galinhola: Investigar Esta Esquiva Espécie Cinegética em São Miguel

### Autores:

Sophie O'Hehir, Diogo C. Pavão, Tiago M. Rodrigues, Manuel Leitão, Luís F. Silva e David Gonçalves

A galinhola (*Scolopax rusticola*) é uma espécie cinegética importante nos Açores e em toda a Europa. Contudo, em São Miguel, infelizmente, é uma ave raramente avistada. A sua caça na ilha não é permitida há décadas, uma vez que o seu efetivo é muito reduzido. A população de galinhola nos Açores é residente, o que significa que não migra sazonalmente, para se reproduzir ou invernar. Com todo o seu ciclo de vida passado nos Açores, esta espécie exige uma gestão cuidadosa, baseada em dados.

A conservação do habitat, aliada a limites ou proibições de caça, é fundamental para evitar o que se designa por extirpação: a extinção de uma espécie numa área geográfica específica. Há exemplos em que isto já aconteceu anteriormente: no Reino Unido o tetraz-lira (*Lyrurus tetrix*) teve de ser alvo de programas de reintrodução em algumas zonas, em resultado da redução do habitat e das capturas na caça. Estudar cuidadosamente a população de galinhola nos Açores é essencial para evitar um destino semelhante, agravado pela impossibilidade da sua reprodução em cativeiro.

Tal como acontece com todas as espécies de aves, a relação da galinhola com o habitat é crucial. É, principalmente, uma ave florestal, que nidifica no solo e depende de solos húmidos da floresta para se alimentar e reproduzir; no inverno, a

maioria sai da floresta à noite para se alimentar em zonas abertas. Um estudo realizado em 2004 em São Miguel, em época de reprodução, revelou uma forte correlação entre a presença de galinholas e as florestas nativas dos Açores, em detrimento de habitats modificados, como as plantações de criptoméria (*Cryptomeria japonica*). Em 2018, o coberto florestal de São Miguel (sem considerar o tipo e a qualidade da floresta), foi estimado em 27% da área total da ilha. As florestas são vitais para a galinhola, mas o habitat limitado, condiciona a sua abundância e distribuição na ilha.

Desde o estudo de 2004, a Direção Regional dos Recursos Florestais e Ordenamento Territorial (DRRFOT) tem implementado práticas mais ecológicas nas plantações de criptoméria, nomeadamente a plantação estratégica de vegetação nativa em zonas recentemente cortadas e reflorestadas. Esta prática tem vindo a ser aplicada de forma gradual desde 2015, criando uma sequência de áreas reflorestadas. O impacto ecológico destas novas práticas tem vindo a ser avaliado.

Dada a atual situação populacional da galinhola em São Miguel e a sua relação com diversos tipos de floresta, a espécie poderá ser um indicador ideal da eficácia da gestão florestal da DRRFOT. Passados 20 anos desde o estudo de 2004, em 2025 foi realizada uma re-avaliação da



Galinhola fotografada nos Açores (T. Rodrigues).

Coordenação de Armindo Rodrigues



Parcela replantada com vegetação nativa dentro de uma plantação de criptoméria em São Miguel (D. Gonçalves).

abundância e distribuição da sua população, que se baseou na visita a 74 pontos distribuídos pela ilha, para contar contactos com galinholas em "roding" (voos de exibição realizados pelos machos durante a época de reprodução). Este é, geralmente, o método mais fiável e acessível para registar a espécie, dado que fora deste período é extremamente difícil de observar.

Novos tempos trazem também novas tecnologias, como dispositivos de gravação áudio, acessíveis e precisos. A chamada monitorização acústica passiva (PAM) está a ser implementada em muitos estudos com aves a nível mundial, incluindo a galinhola, e poderá permitir obter mais dados de forma abrangente e não invasiva. Nos trabalhos desenvolvidos em 2025, em São Miguel, estes dispositivos foram usados em simultâneo com contagens presenciais de roding, podendo vir a ser o futuro da monitorização de espécies cinegéticas nos Açores.

O impacto das mudanças na gestão florestal na distribuição da galinhola será investigado no âmbito de uma tese de doutoramento recentemente iniciada. Com o potencial uso de PAM, ao longo dos próximos anos serão estudadas as relações entre essas práticas e a presença da galinhola. Espera-se que isso possa confirmar estratégias que aumentem a biodiversidade associada às florestas de produção de espécies culturalmente importantes, ou então evidenciar a necessidade de mais habitat nativo contínuo. Esta investigação poderá ter implicações alargadas a outras ilhas Açorianas para além de São Miguel. Qualquer recuperação populacional da galinhola em São Miguel atribuída à gestão florestal poderá ser replicada noutras ilhas. Apesar de ser uma espécie naturalmente esquiva, a investigação planeada visa aprofundar o conhecimento atual e aplicar novas técnicas para estudar a gestão da sua vida "secreta".



## A galinhola no fuso-horário açoriano

As condições dos Açores moldaram a galinhola: aqui é sedentária e reproduz-se mais cedo. Um estudo realizado no Pico, em 2002, mostrou que o "roding" tem a maior expressão entre março e meados de abril, dois meses antes de outras populações continentais. Análises citológicas de galinholas caçadas, demonstraram ainda que o

desenvolvimento reprodutivo começava durante o período venatório da espécie, o que levou à alteração imediata dos limites temporais da sua caça nos Açores. Na imagem, Sophie O'Hehir, estudante de doutoramento, a preencher um formulário durante uma sessão de contagem de galinholas em "roding" em São Miguel (T. Rodrigues).